Prólogo

Apresentar-se ao oficial

Sem alarde, o veículo estaciona diante do número 913 da rua Governador Juracy Magalhães naquela manhã de abril de 2026. Sem qualquer solenidade, desço e percebo que, após mais de duas décadas de ausência, estou novamente diante da casa do professor José Jerônimo de Morais. Apenas nos livros didáticos os grandes momentos exigem frases memoráveis. No dia 6 de junho de 1944, enquanto se comprimiam nos transportes navais à espera do desembarque na Normandia, os soldados falavam do clima ou da mãe do sargento. A história, quando acontece, raramente se anuncia. Ali, sozinho, de pé diante do muro baixo que conheço tão bem, sou invadido por lembranças antigas, resíduos de uma outra vida, ecos de combates que terminaram em retiradas dolorosas. Olho ao redor: tudo permanece indiferente à minha chegada. É então que percebo, a menos de trinta metros, um olhar fixo sobre mim. Atento, desconfiado. Ele nada diz, mas compreendo o que insinua: estou fora de lugar. Talvez suspeito. Talvez apenas deslocado. Apresso-me. Creio ter permanecido tempo demais imóvel diante do portão.

Aperto o interfone e me Identifico. Explico, de modo breve, a razão da minha presença. O portão se abre. Uma senhora, na casa dos trinta anos, provavelmente empregada doméstica, me convida a entrar. Permaneço ainda alguns segundos onde estou, olhos baixos, enquanto ela me observa com estranheza.

- O senhor não vai entrar?

Ela não compreende minha hesitação. Não poderia compreender. Estou sob o impacto de uma emoção que não se traduz em gesto imediato. Permaneço ali como um soldado que regressa para apresentar-se ao oficial sob cujo comando combateu. O professor Jerônimo foi, para mim, mais do que um mestre. Foi guia e, em certo sentido, centurião de uma legião sob cujas insígnias aprendi a lutar. Como não hesitar diante da perspectiva de reencontrá-lo, agora, sob circunstâncias tão distintas?

Lentamente, de modo quase solene, avançamos em fila indiana. Apesar de ter frequentado aquela casa por cerca de dez anos, esta é apenas a segunda vez que transponho suas dependências interiores. Outrora, eu me detinha quase exclusivamente na biblioteca do professor Jerônimo. Era ali o meu bunker, minha caverna, o espaço onde, sem que eu o soubesse inteiramente, um rito de iniciação se realizava. Ultrapassamos a primeira porta - eu e a senhora que me serve de guia - e me vejo diante de um ambiente amplo, arejado, atravessado pela luz. Uma espécie de espaço híbrido: copa e área de convivência. No centro, uma mesa de madeira, quadrada, sólida. Ao redor, poucas cadeiras, dispostas sem rigor, como se obedecessem mais ao uso do que à forma. Detenho-me por alguns segundos. Antes

de olhar as pessoas, percorro o espaço. Catalogo silenciosamente o ambiente, como quem busca pontos de orientação em território conhecido e, ao mesmo tempo, estranho. Só então levanto os olhos. São três. Nomeio-as mentalmente na ordem em que se impõem à minha percepção.

A primeira se levanta e vem ao meu encontro antes que eu possa reconhecê-la com precisão. É Cléo, figura recorrente na biblioteca nos anos distantes. Vinte anos se passaram, mas a passagem do tempo nela não se afirma com a mesma evidência. Há algo de continuidade em sua presença, como se fosse um elemento fixo naquele cenário. Em seguida, à margem direita da mesa, percebo uma jovem senhora. Há nela traços imediatamente reconhecíveis: a semelhança com a mãe, a professora Ana Maria Vergne, não deixa margem à dúvida. Filha do anfitrião, sua presença parece articular passado e presente num mesmo gesto silencioso. Por fim, e é inevitável que tudo convirja para esse ponto, volto-me para aquele que está sentado à cabeceira. Aproximo-me com as mãos para trás e os olhos baixos. O tom de voz, quando vier, será contido, como convém a um soldado que se apresenta ao oficial sob cujo comando combateu durante toda sua juventude. Ali está o professor José Jerônimo de Morais, um mestre, à maneira dos antigos formadores de guerreiros.

Após alguns poucos passos lentos me detenho e contemplo meu anfitrião. Mãos para trás, quase em posição de sentido eu o fito em silêncio. O professor Jerônimo também me observa emudecido. Ele usa um chapéu de pano, daqueles que ele costumava utilizar no campus da UEFS; usa trajes leves, roupas domésticas e, detalhe que me atordoa, ele está sentado sobre uma cadeira de rodas. Seus cabelos, outrora tão bastos e brancos, ainda conservam aquele brilho esbranquiçado de neve refletindo a luz solar, mas agora os fios parecem ralos e raros saindo sobre os lados do chapéu. Sua tez ainda ainda conserva aquela brancura límpida daqueles dias de outrora. Os olhos permanecem firmes, atentos, inquiridores e lúcidos. Ele me contempla longamente; e eu, fiel ao código de conduta militar, mantenho intacto meu respeito pela hierarquia: falarei apenas se ele me interpelar. O professor rompe o silêncio e eu me sinto atordoado pela segunda vez: aquela voz possante, clara e que poderia ser ouvida de um ponto a outro de uma *ágora*, foi reduzida a um fiapo! Embaraçado, confuso, olho em direção aos demais membros da assistência. Cléo vem em meu auxílio e com eficiência e discrição ela traduz para mim aqueles sons quase indistintos: “ o professor diz que você continua a mesma figura.” Isso para mim foi o equivalente a uma liberação da posição de sentido; já posso me sentar na mesa, tendo o cuidado de ficar muito próximo do anfitrião e assim evitar novas dificuldades auditivas.

Conheci o professor Jerônimo antes mesmo de ingressar no curso de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana. Na primeira metade dos anos 1990, eu ainda cursava o ensino médio e integrava um pequeno grupo anarquista que publicava um jornal mimeografado chamado *Macunaíma*. Foi nessa condição que o avistei pela primeira vez no campus, para onde eu seguia a fim de distribuir alguns exemplares. Lembro com nitidez a cena. Entre o primeiro e o segundo módulo, naquele corredor de árvores, vinha ele carregando duas sacolas de feira abarrotadas de papéis. Usava sandálias

franciscanas, calça e camisa brancas de tecido grosso e áspero. Trazia os cabelos vastos, penteados para trás, inteiramente brancos. Caminhava sem pressa. Causou-me imediata impressão aquela figura alta, robusta e de olhos bondosos. Pareceu-me alguém vindo de outra época, desses homens que atravessam o presente sem lhe pertencer inteiramente. Eu nada sabia então, mas naquele instante começava uma longa relação de aprendizado.

Tornei-me aluno formal do professor Jerônimo no fim da década de 1990. Matriculei-me nos cursos de língua latina da UEFS, decisão pouco previsível para alguém desde cedo avesso a toda regularidade. Jerônimo impunha-se naturalmente pelo saber e pela palavra. Falava com clareza, sem pressa, e havia em sua postura uma compostura que eu não encontrara em nenhum outro professor. Impressionavam-me seus modos austeros, a cortesia sem afetação, certa dignidade antiga que parecia sobreviver nele. Muitas vezes me perguntei de onde vinha aquela figura. Havia algo de monástico em sua severidade, algo de patriarcal em sua solenidade, algo de humanista na erudição e algo de militar na disciplina. Era, em muitos aspectos, produto de instituições já desaparecidas. Suas aulas distinguiam-se justamente por ignorarem a pequena burocracia universitária. Não se prendia a formalismos pedagógicos nem a roteiros mecânicos. Podia parecer improviso; na verdade, era domínio. Partindo de uma sentença latina, conduzia a turma a Sêneca, Cícero, Virgílio, história romana, ética estóica ou problemas de linguagem. Hoje penso que havia nisso, guardadas as proporções, algo do método de leitura que Auerbach consagrou em *Mimesis*: extrair de um fragmento um mundo inteiro.

Enquanto me sentava junto ao professor Jerônimo, revi mentalmente antigas cenas do campus. Caminhávamos entre os módulos e as árvores, como peripatéticos tardios, falando de autores mortos e questões antigas. Convém corrigir de imediato essa lembrança: quem falava era ele. Eu o acompanhava em silêncio, atento, procurando reter o máximo possível.Voltávamos com frequência a Sêneca, sobretudo às *Cartas a Lucílio*; à tradição estóica; a Homero e Virgílio; à historiografia clássica. Mas acima de todos pairava Cícero. Hoje penso que Marco Túlio Cícero oferece uma das chaves para compreender Jerônimo. Não apenas pela elegância verbal ou pela vastidão intelectual, mas pelo senso de dever que emanava de sua figura pública. O professor nunca se entregava facilmente à confidência, e por isso toda interpretação exige cautela. Ainda assim, suspeito que via em Cícero um modelo de disciplina interior e serviço à vida pública. Algo semelhante, sob outra forma, ao que Virgílio depositou em Enéas. Voltarei a esse ponto mais adiante. Naquele tempo, porém, eu apenas ouvia e memorizava.

Sentar ali naquela mesa onde jamais estive antes foi para mim como ser admitido junto à cabeceira de um monarca de uma paisagem imaginária. Aos 95 anos, o professor Jerônimo, apesar dos males do envelhecimento, ainda conserva olhos atentos, firmes e que se fixam no interlocutor. Sua

saúde está debilitada, seus movimentos comprometidos, sua energia já não é mais a mesma, nem poderia ser, dada sua condição física. Entre mim e aquela mesa vinte anos de ausência.

Não se tratou, porém, de mera distância cronológica. Entre minha última presença naquela casa e este retorno couberam cidades, livros, derrotas, minguadas vitórias, entusiasmos gastos, combates sem glória e longas marchas interiores.Volta-se sempre diferente ao lugar onde se foi iniciado. O discípulo que um dia saíra dali com a arrogância desordenada da juventude regressava agora mais lento, mais gasto, e talvez menos certo de quase tudo. O mestre, por sua vez, permanecia. Ferido pelo tempo, sitiado pelo corpo, diminuído nos movimentos e ainda assim intacto no essencial. Havia nos seus olhos a mesma vigilância antiga, a mesma faculdade de medir o homem que se colocava diante dele. Senti, então, que toda verdadeira autoridade sobrevive ao declínio físico. Há homens que, mesmo sentados, continuam mais altos do que os demais. Eu retornara de minhas andanças. Trazia comigo a poeira de muitas estradas invisíveis.

Durante anos eu imaginei que a distância bastaria para encerrar certas dívidas. Enganei-me. Há débitos que o tempo não prescreve, sobretudo aqueles contraídos na juventude diante de homens que nos entregaram, sem alarde, instrumentos para compreender o mundo. Naquela biblioteca, entre volumes gastos, sentenças latinas, autores mortos e longas conversas de corredor, recebi mais do que ensinamentos ocasionais. Recebi uma disciplina do espírito. Aprendi que o pensamento exige método, que a linguagem comporta hierarquias, que a grandeza humana raramente faz propaganda de si mesma. Só muitos anos depois compreendi que saíra daquela casa levando bens que não me pertenciam inteiramente. Levei modos de ler, critérios de julgamento, reverência pelos antigos, suspeita diante da vulgaridade do presente. Levei, sobretudo, uma medida interior.

E era para isso que eu voltava. Não para restituir o que seria impossível restituir, pois certas dádivas, uma vez recebidas, confundem-se com a própria pessoa que nos tornamos. Voltava para oferecer ao mestre a única moeda ainda ao meu alcance: a memória organizada em palavras. Outros regressam com medalhas, fortunas ou filhos. Eu regressava com páginas em branco.Vinha comunicar-lhe que começara, ainda tateando, a tarefa de narrar sua vida, não por piedade ao envelhecimento, nem por culto nostálgico ao passado, mas porque alguns homens, se não forem escritos, sofrem uma segunda morte: a do esquecimento. Era esse o relatório que o antigo soldado trazia ao seu oficial.

Eu lhe disse, então, que viera para escrever sua biografia. O professor silenciou. Voltou o rosto para longe, como se perscrutasse alguma região inacessível àquela mesa. Depois vi que chorava em silêncio. Passados alguns instantes, murmurou:

- Ao menos acertei um.

Cléo e Ana Maria reagiram quase ao mesmo tempo, com a prontidão de quem já conhecia aquele rigor antigo:

- O senhor acertou todos.

Não sei se falavam para consolá-lo, contradizê-lo ou simplesmente recordar-lhe aquilo que ele jamais concederia a si mesmo. Permaneci calado. Naquele momento compreendi que alguns homens aplicam a própria vida um critério mais severo do que o mundo seria capaz de suportar. Para compreender o peso daquela frase, é preciso voltar ao interior de Pernambuco, ao ano em que um menino de onze anos foi entregue aos beneditinos.

Parte I um monge que trocou o claustro pela sala de aula

CAPÍTULO 01 O menino levado ao monastério

O professor José Jerônimo de Morais me parece alguém lançado a um destino por decisão alheia. E isso ecoa Eneias e o verso de Virgílio: *Italiam non sponte sequor* (“não busco a Itália por vontade própria”). Um elevado senso de dever, resultante de decisões tomadas por outrem, conduziu a ambos os personagens a deslocamentos forçados. Jerônimo foi um menino arrancado cedo da infância. Um jovem moldado por décadas de regra monástica. Durante mais de vinte anos viveu sob campainhas, horários, votos e ordens. Quando chegou à universidade, trazia no corpo uma disciplina que os demais apenas simulavam. Antes de ser professor, Jerônimo foi menino. Antes de ensinar latim, precisou aprender a separar-se. Aos onze anos, no interior de Pernambuco, uma professora primária decidiu que havia nele talentos incomuns. Como não havia escolas capazes de prolongá-los, tomou-se a solução então reputada elevada - embora o preço pago pelo menino, como veremos, tenha sido alto e duradouro: enviá-lo a um mosteiro beneditino. O menino partiu obedecendo.